

TARDE DEMAIS

COLLEEN
HOOVER

TOP
SEL
LER

O THRILLER ROMÂNTICO MAIS SOMBRIO DESDE *VERITY*

Este livro é dedicado a todos os membros do grupo de Facebook Too Late.

Obrigada por fazerem desta uma das minhas experiências favoritas de escrita.

Especialmente a ti, Ella Brusa.

Caros leitores,

Este livro foi iniciado em 2012 como um projeto no qual trabalhar enquanto atravessava um bloqueio de escrita. Nunca pensei publicá-lo, porque é muito diferente das outras histórias que escrevo. É mórbido e vulgar, mas foi um escape divertido num momento em que dei por mim emperrada nas outras coisas mais doces que andava a escrever.

Quando, há alguns anos, mencionei este projeto inacabado, vários leitores pediram para ler o que tinha escrito. Coloquei os capítulos num website gratuito e, ao longo dos anos seguintes, fui ocasionalmente acrescentando conteúdo. O que começou por ser algo que não se destinava a ser lido por ninguém transformou-se em algo que estava ansiosa por concluir, graças àqueles que me liam enquanto ia escrevendo. Escrevia e atualizava os capítulos frequentemente, pelo que a história foi escrita em tempo real, ao contrário dos meus outros romances. A publicação e o *feedback* imediato de cada capítulo acabaram por se tornar um vício para mim e para os leitores que eram fãs da história. Quando finalmente chegou ao fim, publiquei o livro completo, gratuitamente, através da Amazon Kindle, mas nunca foi publicado oficialmente.

Agora que o livro chega às prateleiras das livrarias com a ajuda da Grand Central Publishing, quis revisitá-lo e reformular parte do conteúdo. Devido à forma como o livro foi escrito e publicado, há coisas que teria alterado caso tivesse passado por um processo de edição

profissional. Fiz o meu melhor para manter intactas as personagens e a história original, mas tomei a liberdade de ajustar algumas cenas e apagar outras, e até acrescentei algumas coisas.

Se ainda não conhece este livro, espero que desfrute dele, apesar de ser completamente diferente dos meus outros romances. Para alguns de vós, será uma leitura de entretenimento. Para outros, pode ser difícil de digerir. Quer pertençam a um grupo quer a outro, agradeço-vos por fazerem parte de cada um dos meus livros, sejam romances a que dediquei meses ou anos, sejam histórias como esta, escritas no impulso do momento, para serem lidas, de preferência, só por adultos. Este livro não é, de todo, apropriado para crianças ou jovens adolescentes. Recomenda-se cautela na leitura.

Com afeto,
Colleen Hoover

Aviso: este livro inclui linguagem suja, cenas sexuais gráficas, homicídio, violação e consumo de drogas.

SLOAN

Dedos quentes entrelaçam-se nos meus, enterrando as minhas mãos no colchão. As minhas pálpebras estão demasiado pesadas para abrirem, devido à falta de sono que tive esta semana. A falta de sono que tive todo o mês, na verdade.

Raios, todo este maldito *ano!*

Gemo e tento fechar as pernas, mas não consigo. Sinto pressão em todo o lado. No peito, de encontro à bochecha, entre as pernas. Demoro alguns segundos a arrancar a minha mente deste torpor sonolento, mas estou suficientemente acordada para perceber o que ele está a fazer.

— Asa — resmungo, irritada. — Sai de cima de mim.

Ele atira o seu peso de encontro a mim repetidamente, gemendo no meu ouvido, a sua barba matinal arranhando-me a bochecha.

— Estou quase a acabar, amor — resfolega de encontro ao meu pescoço.

Tento soltar as mãos, mas ele aperta-as com mais força, recordando-me de que não sou mais do que uma prisioneira na minha própria cama, e ele é o guarda do quarto. O Asa sempre conseguiu fazer-me sentir que o meu corpo estava à sua disposição. Nunca é mau nem violento em relação a isso — é apenas carente, o que eu acho deveras inconveniente.

Como agora.

Às seis horas da maldita manhã.

Adivinho as horas pela luz do sol que espreita através da fenda sob a porta, e pelo facto de o Asa estar a chegar agora à cama depois

da festa da noite passada. Eu, porém, tenho de estar nas aulas daqui a menos de duas horas. Não era assim que escolheria ser arrancada do sono depois de dormir apenas três horas.

Enrolo as pernas na cintura dele e espero que pense que estou a alinhar. Quando me mostro meio interessada, ele despacha-se mais depressa.

Segura-me o seio direito na palma da mão e eu solto o gemido esperado, exatamente quando ele começa a estremecer.

— *Foda-se* — geme, enquanto enterra a cara no meu cabelo, meneando-se vagarosamente de encontro a mim. Após alguns segundos, tomba em cima de mim e suspira pesadamente, depois beija-me a bochecha e rola para o seu lado da cama. Levanta-se, tira o preservativo e lança-o para o balde do lixo e em seguida pega numa garrafa de água que está na mesa de cabeceira. Leva a garrafa aos lábios, varrendo com os olhos o meu corpo nu. Os seus lábios abrem um sorriso vagaroso. Está confiantemente nu ao lado da cama, bebendo o resto da água.

Apesar da sua boa aparência, tem os seus defeitos. Na verdade, a sua aparência pode ser a única coisa em que *não* encontro defeitos. É arrogante, impulsivo, e, por vezes, é difícil lidar com ele. Mas ama-me. Ama-me como o caraças! E estaria a mentir se dissesse que não o amo também. Há tantas coisas que mudaria nele se pudesse, mas neste momento ele é tudo o que tenho, pelo que lido com isso. Ele acolheu-me quando eu não tinha mais nenhum sítio para onde ir. Mais ninguém a quem recorrer. É apenas por essa razão que o aturo.

Não tenho outra escolha.

Ele levanta a mão e limpa a boca, depois atira a garrafa vazia para a lata do lixo. Passa a mão pelo espesso cabelo castanho e pisca-me o olho, depois volta a deitar-se na cama e inclina-se para mim, beijando-me suavemente nos lábios.

— Boa noite, amor — diz, rolando para ficar deitado de costas.

— Queres dizer bom dia — respondo, levantando-me relutantemente da cama. A minha t-shirt está enrolada em volta da cintura, por isso puxo-a para baixo, pego numas cuecas e noutra t-shirt. Atravesso o corredor até à banheira, aliviada por nenhum dos nossos

inúmeros colegas de casa estar a ocupar a casa de banho do primeiro andar.

Vejo as horas no telemóvel e estremeço quando percebo que não terei tempo sequer para tomar um café. É a primeira aula do semestre e já planeio usá-la para pôr o sono em dia. Não é um bom augúrio.

Não há hipótese de manter as coisas assim. O Asa nunca vai às aulas com regularidade, mas passa sempre com notas quase perfeitas. Eu esforço-me só para me manter à tona e não faltei um único dia no semestre passado. Bem, fisicamente. Infelizmente, vivemos com tanta gente que nunca há um momento de silêncio em casa. Dou por mim a adormecer nas aulas com muita frequência; são os únicos momentos em que tenho paz e sossego. As festas parecem acontecer a todas as horas do dia e da noite, sem respeitar quem tem aulas no dia seguinte. Em nossa casa, não há distinção entre fins de semana e dias de semana, e a renda não tem influência em quem vive aqui.

Durante metade do tempo, nem sequer sei quem cá vive. O Asa é o dono da casa, mas adora estar rodeado de pessoas. Aprecia as permanentes portas giratórias, abertas para toda a gente. Se eu tivesse recursos, arranjava um lugar para mim num ápice. Mas não tenho. Isso significa mais um ano de puro inferno antes de me licenciar.

Mais um ano e estarei livre.

Dispo a t-shirt e atiro-a para o chão, depois abro as cortinas da banheira. Quando estou prestes a pegar no chuveiro, grito a plenos pulmões. Desmaiado na banheira, completamente vestido, está o nosso mais recente colega de casa a tempo inteiro, o Dalton.

Ele acorda, sobressaltado, bate com a cabeça na torneira e grita. Baixo-me e apanho a t-shirt no momento em que a porta se abre e o Asa entra a correr.

— Sloan, estás bem? — diz freneticamente, virando-me para ele, verificando se tenho ferimentos. Abano a cabeça febrilmente e aponto para o Dalton na banheira.

O Dalton geme.

— Eu não estou bem. — Apalpa a cabeça acabada de magoar e tenta arrastar-se para fora da banheira.

O Asa olha para o meu corpo nu, até onde o tapo com a t-shirt nas mãos, e depois para o Dalton. Receio que fique com uma ideia errada e começo a explicar, mas ele interrompe-me com um sonoro e inesperado ataque de riso.

— Foste tu que lhe fizeste aquilo? — Está a apontar para a cabeça do Dalton.

Abano a cabeça.

— Ele bateu com a cabeça na torneira quando eu gritei.

O Asa ri-se ainda mais e estende uma mão para o Dalton, depois puxa o que falta do corpo dele para fora da banheira.

— Anda lá, meu. Precisas de uma cerveja. A cura para as resacas. — Empurra o Dalton para fora da casa de banho e segue atrás dele, fechando a porta quando sai.

Fico ali imóvel, ainda a segurar a t-shirt junto do peito. A parte triste é que esta é a terceira vez que isto acontece. Um idiota diferente de cada vez, desmaiado na banheira. Faço uma nota mental para, de agora em diante, verificar a banheira antes de me despir.

CARTER

Tiro o horário do bolso e desdobro-o para procurar o número da sala.

— Isto é uma treta — digo para o telemóvel. — Licenciei-me já há três anos. Não me inscrevi nesta merda para andar a fazer trabalhos de casa.

O Dalton ri-se sonoramente, obrigando-me a afastar o telefone da orelha alguns centímetros.

— Coitadinho — diz. — Eu tive de dormir numa maldita banheira na noite passada. Aguenta, mano. Desempenhar o papel faz parte da tarefa.

— Para ti é fácil falar. Estás inscrito numa aula por semana. Eu tenho três. Porque é que o Young só te deu uma?

— Talvez eu faça melhores broches — diz o Dalton.

Baixo o olhar para o meu horário e volto a erguê-lo para o número na porta diante de mim, descobrindo que bate certo.

— Tenho de ir. *La clase de Español*.

— Carter, espera. — O tom dele é mais sério. O Dalton pigarreia e prepara-se para o seu «discurso motivacional de parceiro». Tenho sofrido com estes discursos diariamente desde que começámos a trabalhar juntos. Ele não tem de me lembrar do motivo para estarmos aqui. Eu percebo que tenho um dever. O meu dever é concluir o trabalho pelo qual sou pago... que é desmascarar o maior cartel de droga num *campus* em toda a história universitária. O problema da droga na universidade local multiplicou-se dez vezes, só nos últimos três anos. Diz-se que o Asa Jackson é a única razão

para isso. O Asa e toda a gente no seu círculo. É por isso que eu e o Dalton estamos aqui, para identificar os atores principais. Eu e o Dalton somos apenas uma pequena parte desta operação, mas são as pequenas partes que compõem um grande todo, e cada um dos nossos papéis é vital. Até o papel de fingir ser um estudante universitário. *Outra vez*. Só gostava de ter começado o semestre na semana passada, como toda a gente da turma, mas o departamento demorou uma eternidade para me inserir no sistema.

— Tenta tornar isso divertido, meu — diz o Dalton. — Estamos tão perto de obter tudo o que precisamos... estarás aí dois meses, no máximo. Arranja um belo rabo de saias e senta-te ao lado dela. Fará os dias passarem mais depressa.

Olho através da janela da porta. A sala está praticamente cheia, apenas com três lugares vagos. O meu olhar recai imediatamente numa rapariga ao fundo da sala, ao lado de uma das cadeiras vazias. Os seus cabelos negros estão espalhados sobre a cara enquanto ela repousa a cabeça nos braços. Está a dormir. Consigo sentar-me junto dos adormecidos; são os faladores incessantes que não tolero.

— Olha, olha. Já arranjei um rabo de saias ao lado de quem me sentar. Falo contigo depois do almoço.

Termino a chamada e abro a porta da sala enquanto tiro o som do telemóvel. Puxo a alça da mochila para o ombro enquanto subo os degraus para o fundo da sala. Espremo-me para passar por ela até ao lugar vazio, atirando a mochila para o chão e o telefone para cima da mesa. O som que o telefone faz ao embater na madeira sólida arranca a rapariga do sono. Ela endireita-se imediatamente, com os olhos muito abertos. Olha em volta da sala, frenética e confusa, depois baixa o olhar para o caderno na sua mesa. Puxo a cadeira e sento-me ao lado dela. Ela fita o meu telemóvel em cima da mesa diante de nós, e depois olha para mim.

O cabelo dela está uma confusão e há um rasto brilhante de baba a escorrer-lhe do canto do lábio até ao queixo. Fita-me intensamente, como se eu tivesse interrompido o único minuto de sono de toda a sua vida.

— Noite longa? — pergunto. Inclino-me e abro a mochila, retirando o manual de Espanhol, que poderia, muito provavelmente, recitar de memória.

— A aula já acabou? — pergunta ela, semicerrando os olhos para o livro que estou a pousar em cima da mesa diante de mim.

— Depende.

— De quê?

— De há quanto tempo ficaste inconsciente — respondo. — Não sei bem para que aula estás aqui, mas esta é a de Espanhol das dez horas.

Ela põe os cotovelos em cima da mesa e geme, passando as mãos pela cara.

— Dormi cinco minutos? Foi só isso? — Recosta-se na cadeira e afunda-se, apoiando a cabeça nas costas da cadeira. — Acorda-me quando acabar, está bem?

Está a olhar para mim, esperando que eu concorde. Bato com o dedo no queixo.

— Tens aqui uma coisa.

Ela limpa a boca e afasta a mão para a inspecionar. Espero que fique embaraçada pelo facto de ter baba a escorrer pela cara, mas apenas revira os olhos e enfia o polegar debaixo da manga da camisola. Limpa a poça de baba em cima da mesa com a manga, depois volta a reclinar-se na cadeira e fecha os olhos.

Já estive na faculdade antes. Sei como são as noitadas, as festas, o estudo e nunca ter tempo para tudo. Mas esta rapariga parece stressada ao máximo. Sinto-me curioso se é por ter feito um turno da noite no trabalho ou por ir a demasiadas festas.

Procuro na mochila e tiro a bebida energética que comprei a caminho daqui. Acho que ela precisa mais do que eu.

— Toma. — Pousa-a na secretária em frente dela. — Bebe isto.

Ela abre vagarosamente os olhos, como se cada pálpebra pesasse quinhentos quilos. Olha para a bebida, pega-lhe rapidamente e abre a tampa. Engole o conteúdo freneticamente, como se não bebesse há dias.

— De nada. — Rio-me.

Termina a bebida e pousa-a em cima da mesa, limpando a boca com a mesma manga com que momentos antes limpara a baba. Não vou mentir, a sua atitude sexy e desleixada é muito excitante, de uma forma esquisita.

— Obrigada — diz ela, afastando o cabelo dos olhos. Olha para mim e sorri, depois estica os braços atrás das costas e boceja. A porta da sala abre-se e todos se remexem nos seus lugares, indicando a entrada do professor, mas eu não consigo tirar os olhos dela tempo suficiente para sequer reconhecer a sua presença.

Ela penteia madeixas de cabelo com os dedos. O cabelo ainda está ligeiramente húmido e sinto o aroma floral do seu champô quando o atira por cima dos ombros. É comprido, negro e volumoso, tal como as pestanas que lhe emolduram os olhos. Olha para a frente da sala e abre o caderno, e eu imito os seus gestos.

O professor saúda-nos em espanhol e nós devolvemos a saudação em respostas coletivas e entrecortadas. Ele começa a dar instruções sobre uma tarefa quando o meu telemóvel se ilumina em cima da mesa entre nós. Baixo os olhos para a mensagem do Dalton que entra.

Dalton: O belo rabo de saias ao lado de quem te sentas tem nome?

Viro imediatamente o telemóvel, esperando que ela não tenha lido. Ela leva a mão à boca, escondendo o riso.

Merda. Leu.

— Belo rabo de saias, hem? — diz ela.

— Desculpa. O meu amigo... acha-se engraçado. Também gosta de transformar a minha vida num inferno.

Ela arqueia uma sobrancelha e vira-se para mim.

— Então tu *não* achas que sou um belo rabo de saias?

Como ela me olha diretamente, é a minha primeira oportunidade de a ver bem. Digamos apenas que estou agora oficialmente apaixonado por esta aula. Encolho os ombros.

— Com o devido respeito, tens estado sentada desde que cheguei. Ainda nem te vi o rabo.

Ela ri-se de novo.

— Sloan — diz, estendendo a mão. Seguro na mão dela. Tem uma pequena cicatriz em forma de crescente no polegar. Passo o polegar por cima dela e torço-lhe a mão de um lado para o outro, examinando a cicatriz.

— Sloan — repito, deixando o nome dela rolar-me pela ponta da língua.

— Este costuma ser o momento durante as apresentações em que a pessoa responde com o seu *próprio* nome — diz ela.

Olho-a e ela retira a mão, olhando-me com curiosidade.

— Carter — respondo, mantendo-me no papel de quem supostamente sou. Tem sido bastante difícil referir-me ao Ryan como Dalton nas últimas seis semanas, mas estou a habituar-me. Chamar-me a mim próprio Carter é outra história. Tive mais do que um deslize em que quase usei o meu nome verdadeiro.

— *Mucho gusto* — diz ela, com um sotaque quase perfeito, voltando a sua atenção para a frente da sala.

Não, o prazer é todo meu. Acredita.

O professor instrui a turma para observar o colega mais próximo e afirmar três factos em espanhol sobre essa pessoa. É o meu quarto ano de Espanhol, por isso decido deixar a Sloan fazê-lo primeiro, para não a intimidar. Viramo-nos um para o outro e abano a cabeça para ela.

— *Las señoras primero.*

— Não, fazemos à vez — diz ela. — Vá. Começa tu. Diz um facto acerca de mim.

— Está bem — anuo, rindo-me da forma como ela assumiu o controlo. — *Usted es mandona.*

— Isso é uma opinião, não um facto — declara ela. — Mas admito que sim.

Inclino a cabeça na direção dela.

— Compreendeste o que acabei de dizer?

Ela acena com a cabeça.

— Se querias dizer que sou mandona, sim. — Semicerra os olhos, mas um pequeníssimo sorriso consegue abrir caminho. — É a minha vez. *Su compañera de clase es bella.*

Rio-me. Acabou de se elogiar a si mesma dizendo que a minha colega de turma é linda? Aceno numa concordância inabalável.

— *Mi compañera de clase está correcta.*

Consigo ver o rubor subir-lhe às faces, apesar da pele bronzeada.

— Que idade tens? — pergunta ela.

— Isso é uma pergunta, não um facto. E, para mais, em inglês.

— Preciso de fazer uma pergunta para chegar ao facto. Pareces um pouco mais velho do que a maioria dos estudantes do segundo ano de Espanhol.

— Que idade pensas que tenho?

— Talvez 23, 24?

Não está muito longe da verdade. Tenho 25, mas ela não precisa de saber.

— Tenho 22 — respondo.

— *Tiene veintidós años* — diz ela, enunciando o seu segundo facto acerca de mim.

— És batoteira — respondo.

— Tens de o dizer em espanhol, se é o teu segundo facto acerca de mim.

— *Usted engaña.*

Posso ver pelo arco da sua sobrancelha que ela não esperava que eu soubesse esta em espanhol.

— E já tens três.

— A ti ainda falta uma.

— *Usted es un perro.*

Rio-me.

— Acabaste de me chamar cão sem querer.

Ela abana a cabeça.

— Não foi sem querer.

O telefone dela vibra e ela tira-o do bolso e dedica-lhe toda a atenção. Recosto-me na cadeira e pego também no meu, fingindo fazer o mesmo. Ficamos em silêncio enquanto o resto da turma termina a tarefa. Pelo canto do olho observo-a a escrever uma mensagem, os seus dedos voando sobre o ecrã. É gira. Agrada-me que agora esteja desejoso de vir a esta aula. De repente, três dias por semana já não me parecem suficientes.

Faltam cerca de quinze minutos para a aula terminar e estou a fazer um esforço enorme para não a fitar. Ela não disse nada desde que me chamou cão. Vejo-a a escrevinhar no caderno, sem prestar atenção a uma única palavra do professor. Ou está extremamente entediada, ou está num sítio totalmente diferente. Inclino-me para

a frente, tentando ver melhor o que está a escrever. Sinto-me coscuvilheiro, mas, afinal, ela também leu a minha mensagem, por isso sinto-me justificado.

A caneta dela move-se freneticamente sobre o papel, provavelmente em resultado da bebida energética que emborcou. Leio as frases à medida que as escreve. Não fazem sentido absolutamente nenhum, por mais vezes que as leia.

Comboios e autocarros roubaram-me os sapatos e agora tenho de comer lulas cruas.

Rio-me das frases à toa espalhadas pela página e ela ergue os olhos para mim. Encontro o seu olhar e ela ri maliciosamente.

Olha para o caderno e bate-lhe com a caneta.

— Aborreço-me — sussurra. — Não tenho muita capacidade de atenção.

Normalmente tenho grande capacidade de atenção, mas isso parece não acontecer quando estou sentado ao lado dela.

— Por vezes eu também não — digo. Estendo o braço sobre a mesa e aponto para as suas palavras. — O que é isso? Um código secreto?

Ela encolhe os ombros e deixa cair a caneta, depois empurra o caderno para mais perto de mim.

— É só uma coisa estúpida que faço quando estou entediada. Gosto de ver em quantas coisas aleatórias consigo pensar sem, realmente, *pensar*. Quanto menos sentido fizerem, mais eu ganho.

— Mais ganhas? — pergunto, procurando uma explicação. Esta rapariga é um enigma. — Como é que podes perder, se és a única a jogar o teu jogo?

O seu sorriso desaparece e ela desvia o olhar, fitando o caderno à sua frente. Passa delicadamente o dedo sobre uma das palavras. Pergunto-me que raio disse para a fazer mudar de atitude tão rápida e drasticamente. Ela pega na caneta e entrega-ma, dispersando quaisquer pensamentos que lhe tivessem escurecido a mente.

— Experimenta — diz ela. — É extremamente viciante.

Tiro-lhe a caneta da mão e procuro um espaço em branco na folha.

— Então escrevo qualquer coisa? O que me vier à cabeça?

— Não — diz ela. — É exatamente o contrário. Tenta não pensar. Tenta que não te venha *nada* à cabeça. Limita-te a escrever.

Encosto a caneta ao papel e faço exatamente como ela diz. Limito-me a escrever.

Despejei uma lata de milho pelo cano da lavandaria, agora a minha mãe chora arco-íris.

Pouso a caneta, sentindo-me ligeiramente estúpido. Ela tapa a boca com a mão, para abafar uma gargalhada depois de ler. Vira para uma página em branco e escreve: *Nascestes para isto*. Depois entrega-me outra vez a caneta.

Obrigado. O sumo de unicórnio ajuda-me a respirar quando ouço música disco.

Ela ri-se outra vez e tira-me a caneta da mão no momento em que o professor dispensa a turma. Toda a gente atira os livros para dentro das mochilas e desliza para fora dos assentos apressadamente.

Toda a gente menos nós. Estamos ambos a olhar para a folha, sorrindo, sem nos mexermos.

Ela pousa a mão no caderno e fecha-o vagarosamente, depois desliza-o pela mesa, para dentro da mochila. Volta a olhar para mim.

— Não te levantes ainda — diz, levantando-se.

— Porquê?

— Porque sim. Tens de ficar sentado enquanto eu me vou embora, para poderes decidir se sou um belo rabo de saias ou não.

— Pisca-me o olho e dá meia-volta.

Oh, meu Deus. Faço exatamente o que ela diz, plantando os olhos diretamente no seu rabo. E, para minha sorte, é perfeito. Cada pedacinho do corpo dela é perfeito. Fico sentado, totalmente imóvel, vendo-a descer as escadas.

De onde raio veio esta rapariga? E onde raio estive durante toda a minha vida? Amaldiçoo o facto de que, seja o que for que tenha acabado de acontecer entre nós, é a única coisa que pode acontecer. As relações nunca começam bem com mentiras. Sobretudo mentiras como a minha.

Ela olha por cima do ombro antes de atravessar a porta e eu levanto o olhar para o dela. Levanto-lhe o polegar. Ela ri-se e depois desaparece para fora da sala.

Pego nas minhas coisas e tento tirá-la da cabeça. Preciso de estar no ponto esta noite. Há demasiado a acontecer para me deixar distrair por um rabo tão bonito e perfeito.

3

SLOAN

Termino os trabalhos de casa na biblioteca, sabendo que não conseguirei concentrar-me assim que puser um pé em casa. Quando fui viver com o Asa, só me restava uma noite antes de ser expulsa do sofá onde andava a dormir... para não falar de todos os outros problemas financeiros com que me debatia. Só namorávamos há dois meses, mas eu não tinha mais para onde ir.

Isso foi há mais de dois anos.

Sabia, com base nos carros que conduzia e no tamanho da sua casa, que ele tinha dinheiro. Não sabia, contudo, se se tratava de dinheiro antigo ou se ele estava envolvido em algo que não devia. Esperava que fosse a primeira hipótese, mas eu e a esperança nunca nos demos bem. Durante os primeiros dois meses, ele escondeu muito bem que vendia droga, justificando os seus hábitos de gastar dinheiro com a ilusão de que recebera uma grande herança. Acreditei nele por algum tempo. Não tinha outra escolha senão acreditar.

Quando pessoas que eu não conhecia começaram a aparecer a estranhas horas da noite e o Asa só falava com elas por trás de portas fechadas, tornou-se cada vez mais óbvio. Ele tentou explicar os seus motivos e jurou que só vendia drogas «inofensivas» a pessoas que, de qualquer forma, haviam de as encontrar noutros sítios. Eu não queria fazer parte daquilo, de maneira nenhuma, por isso, quando ele se recusou a parar, fui-me embora.

O único problema era que não tinha para onde ir. Fiquei nos sofás de alguns amigos, mas nenhum deles tinha espaço ou dinheiro para

continuar a sustentar-me. Teria recorrido a um alojamento para sem-abrigo antes de voltar para casa do Asa, mas não era a minha vida que me preocupava, era a do meu irmão mais novo.

As coisas nunca tinham sido fáceis para o Stephen. Ele nasceu com uma série de problemas, tanto mentais como físicos. Eu estava a receber ajuda estatal para o seu cuidado e ele tinha sido finalmente colocado numa boa instituição na qual eu podia confiar, mas, quando o financiamento foi interrompido, não podia arriscar que ele fosse novamente enviado para a minha mãe. Não queria vê-lo de volta àquela vida e faria de tudo para garantir que ele nunca mais voltasse a fazer parte daquilo.

Tinha partido há duas semanas quando o financiamento que o meu irmão recebia do Estado foi cancelado. Eu não estava em situação de receber o Stephen e, se o tivesse retirado da instituição onde fora tão difícil colocá-lo, ele perderia todo o acesso aos cuidados que lhe são tão necessários. Não tinha mais ninguém a quem recorrer além do Asa, porque ele era o único que estava disposto a ajudar-nos. Voltar a atravessar a sua porta e pedir-lhe ajuda foi a coisa mais difícil que alguma vez fiz. Era como se correr de volta para os seus braços equivalesse a abdicar do meu respeito por mim mesma. Ele deixou-me voltar para casa, mas não sem consequências. Agora que sabia exatamente o quanto eu dependia dele para pagar os cuidados do Stephen, deixou de esconder o seu estilo de vida. Iam cada vez mais pessoas lá a casa, e as transações passaram a fazer-se às claras, e não por trás de portas fechadas.

Agora, há sempre tanta gente a entrar e a sair de casa, que é difícil distinguir os que vivem lá, os que só vão dormir e os completos estranhos. Todas as noites há festa, e todas as festas são o meu pesadelo.

A cada semana que passa, a atmosfera torna-se mais perigosa, e quero sair dali mais do que nunca. Trabalhei a tempo parcial na biblioteca do *campus*, mas não há uma vaga de trabalhador-estudante para mim neste semestre. Estou numa lista de espera e tenho-me candidatado a outros empregos, tentando desesperadamente aumentar o meu dinheiro para a fuga. Não seria tão difícil se apenas tivesse de tomar conta de mim, mas com o Stephen em cena, é necessário dinheiro que não tenho. Dinheiro que não terei por algum tempo.

Entretanto, tenho de manter as aparências, agindo como se ainda devesse a minha vida ao Asa quando, na verdade, sinto que ele está a arruiná-la. Não me interpretem mal. Eu amo-o.

Amo quem eu sei que ele podia ser um dia, mas também não sou ingénua. Por mais promessas que me faça de que está a reduzir o negócio, preparando-se para sair, sei que não o fará. Tenho tentado inculcar-lhe algum juízo, mas quando tens o poder nas mãos e o dinheiro no bolso, é difícil virar costas. Ele nunca o fará. Continuará a fazer isto até ir para a prisão... ou estar morto. E não quero estar por perto em nenhuma das situações.

Já nem sequer tento identificar os veículos na rampa de entrada. Todos os dias há um novo. Estaciono o carro do Asa e pego nas minhas coisas. Depois vou para dentro, para mais uma noite de pesadelo.

Quando entro, a casa está estranhamente silenciosa. Fecho a porta atrás de mim e sorrio, apreciando o facto de estarem todos lá fora, na piscina. Nunca tenho uma oportunidade de solidão, pelo que aproveito, ponho os auscultadores e começo a limpar. Sei que não parece divertido, mas é a minha única possibilidade de escape.

Para não dizer que a casa está constantemente um chiqueiro.

Começo na sala de estar e deito fora garrafas de cerveja suficientes para encher um saco de lixo de cem litros. Quando chego à cozinha e avisto a montanha de pratos empilhados no lava-loiça, chego mesmo a sorrir. Devo gastar aqui pelo menos uma hora. Organizo os pratos sujos à esquerda do lava-loiça e começo a encher a bacia com água. Começo a menear-me ao som da música que me entra nos ouvidos pelos auscultadores. Não me sentia tão em paz nesta casa desde os primeiros dois meses que vivi aqui. Na altura em que o Asa *bom* estava cá. O Asa que me dizia coisas doces, que me levava a sair e me punha antes de tudo e de todos.

Lembro-me de um tempo em que ocasionalmente conseguíamos estar os dois sozinhos nesta casa. Em que ele mandava vir o jantar e nos aninhávamos no sofá para uma noite de filmes.

Assim que as memórias do Asa pelo qual me apaixonei me inundam a mente, sinto os seus braços enlaçarem-me por trás. Ao princípio, sobressalto-me. Mas depois sinto o cheiro da sua água-de-colónia,

o mesmo aroma *Dior* que usava no nosso primeiro encontro. Começa a menear-se comigo ao som da música, segurando-me gentilmente. Sorrio e mantenho os olhos fechados, pondo as mãos sobre as dele, e depois encosto-me ao seu peito.

Ele beija-me a orelha, depois entrelaça os dedos nos meus e vira-me para o olhar. Quando abro os olhos, está a sorrir-me com uma expressão genuinamente doce. Há tanto tempo que não via esta expressão no seu olhar que me faz doer o coração, percebendo a falta que tinha sentido.

Talvez ele esteja mesmo a tentar. Talvez também já esteja farto desta vida.

Segura-me a cara nas mãos e beija-me — um beijo longo e apaixonado, como eu esquecera que ele era capaz de dar. Ultimamente só sou beijada quando ele está em cima de mim na nossa cama. Enrolo os braços no seu pescoço e correspondo ao beijo. Beijo-o desesperadamente. Beijo o Asa antigo, sem saber quanto tempo o terei aqui comigo assim.

Ele recua e tira-me os auscultadores dos ouvidos.

— Alguém quer uma continuação desta manhã, hem?

Beijo-o novamente e sorrio, acenando com a cabeça. Quero. Se este é o Asa que vou ter na minha cama, quero mesmo.

Ele põe-me as mãos nos ombros e ri-se.

— Não diante de companhia, Sloan.

Companhia?

Fecho os olhos, com medo de olhar naquela direção, ignorando que estávamos a ser observados.

— Há uma pessoa que quero que conheças — diz ele. Vira-me e eu abro um olho, depois o outro, esperando que o choque que sinto na barriga não se espalhe visivelmente no meu rosto. Encostado à ombreira da porta, com os braços cruzados diante do peito e um olhar duro, está todo o metro e oitenta do Carter.

O rapaz com quem namorisei na aula ainda há algumas horas.

Arquejo, sobretudo porque é a última pessoa que esperava ver aqui. Estar diante dele, agora, é de repente mais intimidante do que estar sentada ao lado dele na aula esta manhã. Ele é muito mais alto do que eu esperava — mais alto até do que o próprio Asa. Não é

tão definido como ele, mas, afinal, o Asa exercita-se todos os dias e, a julgar pelo tamanho dos seus bíceps, provavelmente mete-se nos esteroides. O Carter tem uma constituição mais natural e uma pele mais escura, assim como o cabelo — e, de momento, olhos muito escuros e zangados.

— Olá — diz o Carter, adoçando a sua expressão com um sorriso, estendendo-me a mão sem o menor indício de me reconhecer. Percebo que está a fingir que não me conhece para meu benefício, ou talvez para o *seu*, por isso aperto-lhe a mão, apresentando-me a ele pela segunda vez hoje.

— Sou a Sloan — digo tremulamente, esperando que ele não consiga sentir a minha pulsação acelerada através da palma da mão. Interrompo rapidamente o aperto de mão e afasto-me. — Então, como é que tu e o Asa se conhecem? — Não estou certa de querer saber a resposta, mas a pergunta escapa-se-me da boca.

O Asa enlaça-me pela cintura e vira-me de costas para o Carter.

— É o meu novo sócio, e neste momento temos um negócio para concretizar. Vai fazer limpezas noutra sítio. — Dá-me uma palmada no rabo, tentando enxotar-me como a um cão. Dou meia-volta e olho-o furiosamente, mas a minha fúria é muito menos intensa do que o ódio que escorre dos olhos do Carter ao observar o Asa.

Normalmente não censuro o Asa, sobretudo diante de outras pessoas, mas não consigo controlar o meu mau feitio agora. Estou danada com a sua falta de respeito ao envolver mais alguém, apesar de me ter prometido que ia sair do negócio. Também não posso negar o facto de estar irritada por ser o Carter. Estou zangada comigo mesma por ter desenvolvido uma falsa primeira impressão dele hoje na aula. Julgava-me melhor a ler as pessoas, mas o facto de ele estar envolvido com o Asa mostra-me que não faço ideia de como ler ninguém. Ele é igual aos outros, e nesta altura eu já devia estar à espera. Por mais que tente — por mais difícil que tenha sido sair da casa da minha infância para escapar precisamente a este estilo de vida, apenas para voltar a ele —, isto faz-me sentir ignorante. Os meus pais consumiam, e eu jurei que assim que pudesse fugir aos seus estilos de vida perigosos haveria de ir-me embora sem nunca olhar para trás. Mas aqui estou eu, aos 21 anos, já a viver uma vida que não é

melhor do que aquela em que cresci. Como posso aspirar e trabalhar tanto no sentido de uma vida normal e, mesmo assim, continuar a cair exatamente no meio desta merda? É uma maldição.

— Asa, tu prometeste-me. — Gesticulo na direção do Carter.
— Contratar pessoas novas não é sair... é enterrares-te mais.

Sinto-me hipócrita ao pedir-lhe que pare de fazer o que faz. Todos os meses o deixo mandar um cheque para a instituição do Stephen com o mesmo dinheiro sujo que gostava que ele não ganhasse. Mas é mais fácil permitir isso, visto não ser para mim. Aceitaria o dinheiro mais sujo do mundo se isso significasse que o meu irmão seria cuidado.

Os olhos do Asa escurecem e ele dá um passo para mim. Pousa gentilmente as mãos sobre os meus braços, esfregando-os para cima e para baixo. Inclina a boca para o meu ouvido e aumenta o aperto nos braços, espremendo-os com tanta força que estremeço de dor.

— Não me envergonhes — sussurra tão baixinho que só eu o ouço. Alivia o aperto e baixa as mãos para os meus cotovelos, depois beija-me amorosamente a bochecha, só para o mostrar. — Vai pôr aquele vestido vermelho sexy. Esta noite vamos dar uma festa para celebrar.

Recua e solta-me completamente. Relanceio o Carter, que ainda está sob a ombreira da porta, fitando o Asa como se quisesse arrancar-lhe a cabeça a qualquer instante. Vira os olhos para mim e por um segundo estes ficam mais doces, mas não espero o tempo suficiente para ter a certeza. Viro-me e corro pelas escadas acima até ao quarto. Bato com a porta e tombo na cama. Os músculos dos meus braços estão a latejar de dor, que tento aliviar massajando-os. É a primeira vez que ele me magoa fisicamente em frente de alguém, mas o meu orgulho ferido dói muito mais. Nunca devia tê-lo questionado na presença de outros. Já o devia saber.

Provavelmente, amanhã terei nódoas negras nos braços, mas pelo menos não ficarão para sempre, como as cicatrizes que os meus pais me deixaram. Olho para a cicatriz em forma de crescente no polegar, recordando a vez em que a minha mãe tentou queimar-me com o isqueiro do carro, tinha eu 12 anos. Não faço ideia porque é que estava furiosa comigo, mas retirei a mão assim que percebi o que ela

ia fazer, embora não com rapidez suficiente. Agora, sempre que olho para a cicatriz, lembro-me da minha vida com ela.

Pelo menos as nódoas negras desvanecem-se, mas quanto tempo faltará até o Asa começar a deixar-me marcas mais permanentes? Sei que não mereço o que ele acabou de me fazer. Ninguém merece. Mas, se não me for embora rapidamente, as coisas só piorarão. Situações como esta raramente mudam para melhor. Tenho vontade de pegar nos meus sacos e guardar tudo o que tenho. Quero ir-me embora e nunca mais voltar. Quero sair daqui. Quero sair daqui, quero sair daqui, quero sair daqui.

Mas não posso sair ainda. Não seria só eu a afetada.

UMA PERIGOSA TEIA DE AMOR OBSESSIVO DA QUAL É PRECISO ESCAPAR ANTES QUE SEJA TARDE DEMAIS

Decidida a fazer de tudo para proteger aqueles que ama, Sloan encontrou em Asa Jackson o apoio financeiro para ajudar a família e a estabilidade de que tanto necessitava. Mas o facto de Asa ser um reconhecido traficante de droga fez com que Sloan se visse obrigada a pôr em causa os seus princípios morais demasiadas vezes.

Com Sloan cada vez mais dependente dele, Asa começou a desenvolver por ela uma verdadeira obsessão, levando-a a recriar esta perturbadora relação, cada dia mais tóxica e perigosa e sem saída à vista.

Quando o misterioso Carter entra em cena, Sloan sente que algo está prestes a mudar, mas nada lhe garante que ele não seja apenas mais um dos cúmplices de Asa. Poderá Sloan confiar nele e enfrentar Asa, sabendo os riscos que corre? Ou estará ela já demasiado enredada em toda esta teia?

NÃO PERCA, DA MESMA AUTORA:



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

@topseller.suma

penguinlivros

ISBN 9789897877988



9 789897 877988 >